

# **O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO – TEA NUMA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COM OS RECURSOS EDUCACIONAIS DIGITAIS**

**Maria Auxilene Venancio Fontenele**

**Secretaria de Educação do Ceará – Seduc/Ce**

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA; Curso de Informática Educativa –UECE; Curso de Psicopedagogia-UVA; Curso de Especialização em Mídias na Educação- UFC; Gestão e Coordenação Escolar - Flated

E-mail: mariaauxilene@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi realizar uma intervenção psicopedagógica com um estudante com o Transtorno do Espectro do Autismo - TEA de modo a compreender a aprendizagem e comportamento da pessoa com autismo a partir da inserção dos Recursos Educacionais Digitais nesse processo de busca e conhecimento. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e um Relato de Experiência com um estudante com autismo realizando uma busca aos autores Braga (2018), Orrú (2012), Papert (1994), Prensky (2012), Vigotsky (2007), dentre outros. As novas tecnologias podem atuar como uma ponte para um novo modelo educacional e dependendo da metodologia aplicada pelo professor, pode gerar mudanças necessárias na educação de pessoas com autismo, bem como construir um sujeito mais funcional e eficaz no seu processo de aprendizagem. Conclui-se que os Recursos Educacionais Digitais numa metodologia centrada no estudante com autismo pode ser uma alternativa para melhorar a aprendizagem tornando a vida desses aprendizes mais funcional.

**Palavras chave:** Transtorno, Intervenção, Recursos Educacionais Digitais, Aprendizagem.

## **Introdução**

A sociedade da informação trouxe mudanças significativas para a sociedade. Nesse sentido, olhar para a criança com o Transtorno do Espectro do Autismo requer o uso de práticas pedagógicas significativas em um movimento de reflexão e avaliação visando atender as suas especificidades.

Nessa perspectiva, é relevante pensar em um projeto que incluam as pessoas com autismo em um contexto mais amplo, reconhecendo suas dificuldades na comunicação e na linguagem. Oferecer um currículo capaz de garantir a participação desses sujeitos em todas as esferas da sociedade é uma obrigação do Estado como propõe a Lei Federal de 1988, LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/96, Lei nº 13.146 – Lei Brasileira de inclusão, Lei nº 12.794 - Lei de Autismo.

Embora no Brasil existam várias leis que garantem a inclusão das pessoas com deficiência, o que se reconhece atualmente no enfoque educacional de nosso país é que cada vez mais as crianças com processos de ensino-aprendizagem diferentes são estigmatizadas em processos de avaliação de desempenho.

Nesse sentido, a aprendizagem tradicional ou “bancária”, centrado na figura do professor e conteúdos, não atende os anseios dos aprendizes com autismo, pois não permite que esse estudante aprenda no seu ritmo e de acordo com o seu estilo de aprendizagem. O respeito à singularidade e subjetividade desses sujeitos é pressuposto para que alcancem novas aprendizagens. Sendo assim, os Recursos Educacionais Digitais poderia ser o caminho para uma ruptura desse paradigma?

Freire (2011), em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, deixa claro que educador e educando aprendem em uma via de mão dupla; logo são sujeitos do mesmo processo, crescem juntos “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo” (Freire, 2011). Nessa lógica, os Recursos Educacionais Digitais são importante facilitador de inclusão de pessoas com deficiência a partir do momento que se adote uma nova Política Educacional.

Destacam-se, como contribuições pra essa abordagem, os pensamentos de Piaget, Vigotsky, Papert e Prensky autor do livro “Aprendizagem Baseada em Jogos Digitais”. Os referidos autores acreditam na mudança da educação a partir do momento que se oportunize aos estudantes propostas inovadoras e motivadoras. Afinal precisam ser inseridos nesse contexto, pois fazem parte de uma geração bombardeada pela mídia, por isso são chamados de “nativos digitais”<sup>1</sup>. (PRENSKY, 2012).

Diante do exposto, é preciso que o educador tenha uma visão construtivista da aprendizagem. Nesse sentido, a aplicação dos Recursos Educacionais Digitais deve ser centrada no aprendiz. Relaciona-se a adoção de mudanças nos conteúdos, nos métodos, na avaliação; um currículo que valorize as experiências e as diversas habilidades.

A inserção de Recursos Educacionais Digitais numa perspectiva dialógica e transformadora agregada a um software compatível com o interesse das crianças com autismo pode ser o meio de estimular as áreas cerebrais afetadas, pois gera motivação, prende a atenção e a criança aprende brincando.

---

<sup>1</sup> O termo foi criado pelo norte-americano Marc Prensky, trazendo a esse grupo definições de novas características, que consolida um abismo com relação aos imigrantes digitais (outro termo criado pelo autor e que define pessoas que desconhecem o funcionamento dos meios de comunicação e tornam-se consumidores passivos). Um **nativo digital** é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência.

Partindo desse princípio, a aprendizagem que mais atende os anseios de uma sociedade tecnológica deve ser centrada na criança de forma integral, reconhecendo os aspectos cognitivos, sociais e afetivos. Nessa perspectiva, Recursos Educacionais Digitais ajudariam na construção desse sujeito integral? Quais os seus efeitos na aprendizagem da pessoa com autismo?

Para responder este questionamento, o estudo pretende realizar uma pesquisa bibliográfica recorrendo aos autores Braga (2018), Freire (2011), Orrú (2012), Papert (1994), Prensky (2012), Vigotsky (1991), dentre outros. Além da pesquisa bibliográfica, serão descritas algumas sessões realizadas com os Recursos Educacionais Digitais no Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado – NAPE<sup>2</sup> para melhorar a aprendizagem do estudante com autismo.

É importante salientar que o educador, ao inserir os Recursos Educacionais Digitais, é livre para escolher o tipo de abordagem que achar mais apropriada para o seu aluno. A abordagem instrucionista<sup>3</sup>, criticada por Papert no livro “A máquina das crianças”, embora sendo a mais utilizada, acaba reforçando o processo de exclusão, pois ao invés da criança ensinar o computador, ela é ensinada por ele.

Foi com base nos estudos de Piaget que Papert criou a abordagem construcionista<sup>4</sup>. Para ele seria a maneira de tornar a aprendizagem um processo de construção, pois permite que o estudante saia da condição de passividade para ser o ator do processo de construção junto com o professor. A relação de ambos acontece em uma via de mão dupla.

A proposta de uma educação inclusiva, baseada no construcionismo, exige mudanças enormes e difíceis a serem enfrentadas com vigor tanto no que se refere ao aspecto pedagógico como às questões administrativas.

As novas tecnologias educacionais podem atuar como uma ponte para um novo modelo educacional e dependendo da metodologia aplicada e dos instrumentos utilizados pelo professor, pode gerar mudanças necessárias na educação de pessoas com autismo, bem como construir um sujeito mais funcional e eficaz no seu processo de aprendizagem.

---

<sup>2</sup> Local de atuação da pesquisadora. O NAPE é composto por uma Equipe Multidisciplinar formada por Assistente Social, Psicólogo, Terapeuta ocupacional, Fonoaudiólogo e psicopedagogas cujo objetivo é acompanhar os estudantes com deficiência e dificuldades de aprendizagem no processo de inclusão escolar.

<sup>3</sup> Abordagem instrucionista é uma corrente pedagógica baseada na teoria didática tecnicista sustentada pela teoria da aprendizagem comportamentalista (behaviorista).

<sup>4</sup> A abordagem construcionista foi desenvolvida por Papert em 1986 - termo usado para significar que o aluno em contato com o objeto do seu interesse, no caso o computador e a linguagem LOGO auxiliaria o processo de construção do seu conhecimento, ou seja o envolvimento afetivo do aprendiz com o objeto do conhecimento torna a aprendizagem significativa.

## A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A CRIANÇA COM AUTISMO

Conforme ORRÚ (2012), "o autismo é uma palavra de origem grega (autos), que significa por si mesmo". É um termo usado dentro da psiquiatria para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo. Portanto, esse sujeito é único apresentando algumas características peculiares em relação ao comportamento e linguagem.

As pessoas com autismo, durante muitos anos na história, estiveram excluídas do processo de escolarização, viviam segregadas em instituições sendo apenas medicadas. A abordagem em relação a elas era clínica e assistencialista; eram vistas como indivíduos sem capacidade de convivência e aprendizagem.

Uma nova concepção em torno do assunto iniciou em 1980, onde a Neurociência ganha destaque e as pesquisas passam a ser entendidas a partir da origem biológica, dando sinais de que algumas áreas cerebrais são alteradas em seu funcionamento.

No Brasil a disseminação em relação ao assunto ocorreu no dia 27 de dezembro de 2012, quando foi sancionada a Lei nº 12. 764/2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com o Transtorno do Espectro do Autismo – TEA. Também conhecida como “Lei Berenice Piana” em homenagem a uma mãe militante em prol da causa do autismo. Foi a partir dessa lei que os autistas passaram a fazer parte do grupo de pessoas com deficiência. (BRAGA, 2018).

A maior incidência dos números de autismo é no sexo masculino, de modo que 20% dos casos são meninas e 80% são meninos. A explicação “talvez esteja ligada a uma maior resistência por parte das mulheres às mutações de genes, apresentando-se menos vulneráveis a esse tipo de alteração, e assim necessitando de uma quantidade maior de genes afetados para que os sinais do autismo se evidenciem em termos de prejuízos dentro da conhecida díade do autismo. (BRAGA, 2018).

O DSM 5 classifica os sintomas do autismo como “Díade do autismo”, apontando que as crianças com autismo têm dificuldades principalmente na comunicação social (dificuldades na fala, na comunicação e nas interações sociais) e presença de comportamento com atividades e interesses restritos, repetitivos e estereotipados. (Braga, 2018, p. 43).

As manifestações no comportamento da pessoa com autismo são diversas, variando de criança para criança. O que justifica dizer que nenhum cérebro é igual, cada um funciona de maneira peculiar. Por isso, o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento

configurando-se como transtorno do Espectro do Autismo - TEA, com três níveis: Nível 1 (leve), exigindo apoio, Nível 2 (moderado) exigindo apoio substancial; e Nível 3 (severo), exigindo apoio muito substancial (referencia rápida aos critérios diagnósticos do DSM-5, 2014).

Em razão disso, é preciso que o professor identifique o nível de dificuldade do aprendiz, evitando classificá-lo ou rotular chamando-o de autista ou outra nomenclatura. Conhecer o nível de aprendizagem da pessoa com TEA visa único e exclusivamente como um norteador para a adoção modelos de intervenção que torne esse sujeito mais funcional garantindo assim sua inclusão no sistema de ensino.

## OS RECURSOS EDUCACIONAIS DIGITAIS E A CRIANÇA COM AUTISMO

Conforme descrito anteriormente, a proposta de uma educação inclusiva<sup>5</sup> é assunto recorrente. A luta pela conquista dos direitos das pessoas com deficiência foi motivo de várias discussões e estudos com o intuito de alcançarmos uma educação que contribua para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para a superação de contrastes sociais tão gritantes.

Nesse sentido não se pode mais comportar-se ignorantemente a presença de novas tecnologias nas mais diversas atividades humanas; logo as pessoas com autismo devem ser dadas o direito de serem incluídos digitalmente e o uso desses instrumentos podem ajudar a superar suas dificuldades.

A concepção de ensino com o uso das tecnologias na educação contribui para uma melhor compreensão do papel das ferramentas digitais no ensino de pessoas com autismo. No entanto, não basta disponibilizar o computador ou internet: é necessário um planejamento e metodologia e instrumentos (*softwares*) que atenda os interesses do estudante.

Corroboram com esse pensamento Weiss e Cruz (2001) quando ressaltam que o uso de softwares na educação pode contribuir para o sucesso no trabalho do professor, visto que

---

<sup>5</sup> A educação inclusiva é um direito assegurado ao aluno com deficiência, é o que diz a LDB n.º 9.394/96, que em seu art. 59 esclarece: *Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013. I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;*

proporciona uma nova dinâmica ao processo de aprendizagem e construção do conhecimento por parte dos alunos. Foi possível verificar isso na prática quando realizada a intervenção com o estudante em estudo.

É importante destacar que a intervenção com a tecnologia educacional não acontece de maneira aleatória, mas envolve ações de intencionalidade, planejamento e observação constante das necessidades específicas dos sujeitos. Portanto, é uma aprendizagem que envolve muito mais que o computador e internet, pois na medida em que o profissional for observando o educando vai percebendo o tipo de intervenção que melhor se adapta.

Vale ressaltar que o atendimento ao estudante com TEA deve acontecer no contraturno e de preferência por uma equipe multidisciplinar. A escola também pode contar com o profissional da Sala de Recursos, que é uma sala com recursos adaptável e profissional formado nas deficiências para atender esse público alvo.

É importante que os profissionais que atendem as crianças com TEA se apropriem dos conhecimentos sobre o assunto e, além disso, da neurociência. Com base nesses conhecimentos o professor, saberá como intervir e realizar os encaminhamentos necessários para os demais profissionais da área da saúde.

## **INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COM O ESTUDANTE COM AUTISMO**

Conforme foi mencionado anteriormente, a abordagem que melhor atende aos estudantes com deficiência é a construcionista, porque valoriza cada um com suas peculiaridades ou dificuldades através de uma proposta educacional que respeite a individualidade de cada sujeito. (PAPERT, 1994; VALENTE, 1999; FREIRE E PRADO, 1998).

Papert (1994), ao desenvolver a linguagem LOGO, tinha como objetivo criar um ambiente para que todas as crianças aprendessem independente da condição delas. Vygotsky, na década de 20, também tinha o mesmo pensamento, apontando que o diferencial para que a aprendizagem acontecesse seria os instrumentos utilizados e o tipo de mediação.

Em relação à pessoa com autismo, o início de qualquer intervenção deve partir da observação. Mediante esse olhar será possível identificar as habilidades e traçar um plano individual compatível com o nível de aprendizagem do estudante.

É importante que tanto a família como a escola utilizem como elementos de intervenção os recursos visuais, pois eles são mais visuais do que auditivos. Por isso a importância de explorar imagens para estimular a comunicação.

Nesse sentido, (ORRÚ, 2012; CUNHA, 2015) apontam alguns modelos de intervenção como o método TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children) que é o mais usado no Brasil e no mundo por instituições que trabalham com autistas. Adequado para Crianças com déficit relacionados à Comunicação. Surgiu em 1966 como uma prática psicopedagógica capaz de mudar o comportamento. O método PECS (Picture Exchange Communication System), sistema de intercâmbio de imagens foi desenvolvido pelas dificuldades ao longo dos anos, com outros programas de comunicação. Outro método é o ABA, que é uma técnica proveniente do campo científico do Behaviorismo, tem objetivo observar, analisar e explicar a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem visando a mais uma mudança de comportamentos específicos do que comportamento globais.

A teoria de Vygotsky pode ser uma forte aliada na educação das pessoas com autismo, pois o educador pode se apropriar dos métodos citados a partir de uma abordagem histórico-cultural para estimular o aprendiz a perceber a realidade em que vive e estimular a metacognição. Desmistificar a ideia de que essas crianças não aprendem é o grande desafio, pois muitas vezes elas são impedidas de se desenvolverem plenamente, devido às conclusões preconceituosas acerca de sua aprendizagem (ORRÚ, 2012).

Nessa perspectiva, a inclusão das pessoas com autismo na sala de aula é um processo de construção que impõe uma reorganização do ensino. Isto implica a adoção de uma política que contemple a formação de professores, currículo natural adaptável fundamentado na perspectiva do desenvolvimento da linguagem, pois esta exerce papel fundamental para a elaboração do pensamento e das funções superiores (Vigotsky, 1991).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

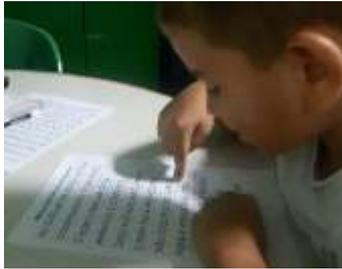
### Sessões com o Théo

#### Atividade com o Vídeo



*Figura 1 Estudante nas primeiras sessões acompanhando a música através do vídeo.*

### Atividades escritas



**Figura 2** Estudante lendo e cantando a letra da música.



**Figura 3** Estudante montando a letra da música



**Figura 4** Estudante escrevendo a letra da música.

Théo tem oito anos e estuda numa escola da Rede de Ensino Municipal de Fortaleza. Iniciou sua escolaridade aos cinco anos e no mesmo ano recebeu o diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo - TEA. Apresenta uma fala sem função comunicativa com tendência ao monólogo, com comprometimento de iniciar e manter uma conversa, fala ecológica (com repetição de palavras ou frases), ausência de espontaneidade na fala e nem sempre corresponde ao contexto, etc. Os prejuízos na linguagem dificultam os avanços nas habilidades de interpretar e interagir com o mundo externo. Contudo já escreve e ler convencionalmente. (Orrú, 2012).

Na primeira sessão com o Théo, observou-se habilidade acadêmica (lia e escrevia convencionalmente). No entanto, só foi possível saber do seu interesse quando, utilizando o computador, ele digitou “Bom Dia Amiguinhos”, uma canção de Patati & Patatá, na barra de pesquisa do YouTube. À medida que acompanhava o vídeo, Théo cantava e fazia os movimentos com o corpo imitando os personagens. Sua motivação era tamanha, a ponto de extravasar de tanta alegria.

Na segunda sessão manifestou interesse por um dos jogos distribuídos na sala da terapeuta, formado por letras do alfabeto. Ao interagir com o jogo, começava a cantar fazendo associações das peças do jogo com as letras da “música do alfabeto”. Mostrava-se muito motivado, sorria e batia palmas seguindo o ritmo da música. “*Quando a pessoa se diverte e dá risada, as mudanças no equilíbrio químico do sangue aumentam incrivelmente a produção dos neurotransmissores necessários para o estado de alerta e a memória*”. (PRENSKY, 2012:168).

Ao iniciar as intervenções com o estudante o objetivo foi observar, principalmente, o seu interesse, para posteriormente buscar formas de intervir na leitura e na escrita, já que nessas áreas apresentou avanços. As observações também ajudaram a intervir no sentido de criar estratégias que estimulassem o estudante a responder aos comandos, já que nesses

primeiros dias o que era pedido à criança não era atendido. O comportamento dela nas primeiras sessões foi de introspecção e o olhar, totalmente distante do que estava sendo proposto.

Nas primeiras sessões, ao chegar à sala, logo se dirigia ao computador e pedia o “YouTube”. Ele mesmo digitava suas músicas preferidas do Patati & Patatá e começava a interagir cantando alegremente. Qualquer tentativa de intervenção diferenciada o deixava irritado, a ponto de se desorganizar emocionalmente. O que não acontecia quando estava diante do que gostava: seu comportamento era de satisfação e prazer por estar diante de suas músicas prediletas.

A partir da 6ª sessão, Théo começou apresentar evolução, pois passou a obedecer aos comandos e manifestar um olhar de comunicação com a terapeuta, embora de forma leve.

Percebendo seu interesse para a música e potencial para escrever, na 7ª sessão foi realizada uma atividade de escrita a partir da música “Bom dia amiguinhos, do Patati & Patatá”. O resultado foi surpreendente.

Inicialmente foi digitada toda a letra da música com letras grandes para que lesse a letra (figura 2). Depois que o estudante leu a letra da música e acompanhou cantando, foram distribuídas várias tirinhas da letra da música sobre a mesa de maneira desorganizada para que o estudante as organizasse colando em uma folha em branco (figura 3). No último momento, foi entregue ao estudante uma folha dividida em duas colunas, onde em uma coluna tinha a letra da música e na outra, linhas pra que escrevesse a letra nos espaços. (figura 4).

No momento em que foi entregue a folha limpa de ofício para que montasse a música. A terapeuta ficou meio receosa de que não conseguisse realizar o comando, já que na teoria é dito que os autistas têm dificuldade em organização e não vê o todo, e sim as partes. No entanto, o resultado foi positivo, pois conseguiu montar toda a letra da música seguindo a seqüência.

Nesse momento constatou-se que o cérebro de Théo permite que ele junte os fragmentos de um texto. Quando lhe perguntava “Onde está o pedacinho da letra da música?” Ele lia o texto, cantava e automaticamente pegava o pedaço contendo o trecho correspondente e colava na outra folha, formando uma seqüência. Após montar toda a letra da música, leu e cantou fazendo os movimentos com o corpo como via no vídeo.

Ao sugerir que escrevesse a letra da música, não resistiu. Escreveu a primeira parte, porém os traços foram grafados de forma grande onde cada letra ocupava três linhas. Nesse momento observou-se desmotivação e pouca coordenação motora para escrever convencionalmente.

Durante toda a atividade, embora não se comunicando de maneira funcional, a criança interagiu respondendo os comandos. Assim, o resultado da intervenção foi positivo, pois a motivação contribuiu para novos esquemas cognitivos.

O principal desafio na aprendizagem do estudante foi desenvolver os processos de linguagem e interação social, pois embora sendo verbal, tem dificuldade em estabelecer relações, compreender e interpretar os signos mediados pela terapeuta. (ORRÚ, 2012).

Sendo assim, as próximas intervenções têm por objetivo continuar melhorando os processos de simbolização e expressões afetivas do estudante abrindo janelas para que ele estabeleça vínculos afetivos e de qualidade com o outro. (CUNHA, 2015).

Deste modo, pretende-se melhorar as áreas de funcionamento cerebral do indivíduo que se encontram alteradas, pois as pessoas com autismo são capazes de aprender e isto não significa que devam aprender só a ler, escrever e calcular, mas melhorar padrões de comportamento, de falar, de comunicação e interação, ou seja, tornar a vida dessa pessoa mais funcional.

## CONCLUSÃO

O estudo sobre a temática e a intervenção com os Recursos Educacionais Digitais com uma criança autista contribuiu para uma compreensão acerca da aprendizagem e comportamento do estudante. O interesse da criança foi fundamental para escolha dos instrumentos e modelo de intervenção. Nesse momento foi valorizado a singularidade, subjetividade, vontade de aprender e interesse do estudante pela música.

É imprescindível, então, que no atendimento a pessoa com autismo, a relação de dominação dê lugar a uma relação afetiva e isto só é possível quando o profissional reconhece que o estudante tem uma subjetividade e que esta deve ser valorizada.

É nessa relação de empatia que nasce a perspectiva inclusiva porque o estudante é sujeito que aprende e se expressa nas suas mais diversas formas. É com esse olhar que o professor deve conduzir sua prática de sala de aula. O paradigma da inclusão requer por parte de gestores e do professor a adoção de uma concepção de educação centrada na pessoa e não da deficiência. Nesse sentido, não existem receitas prontas, é preciso muita flexibilidade, pois o respeito à criança é fundamental para que a resposta da intervenção seja positiva. Por outro lado, o atendimento ao aprendiz deve ser pautado nos níveis de dificuldades e sintomas que se diferenciam nos prejuízos causados a pessoa com o transtorno ao longo da vida.

Neste caso específico a criança apresenta um autismo de nível leve, porém sua maior dificuldade é na comunicação e interação social, o maior desafio será estimular as áreas menos desenvolvidas para continuar a alcançando melhores níveis de desenvolvimento e consolidar a permanência do estudante na escola.

A intervenção com os vídeos das músicas do personagem “Patati Patatá”, por serem visuais, foi um atrativo, o que despertou o interesse e motivação do aprendiz para aprendizagem. Confirma-se assim que os Recursos Educacionais Digitais podem ser um forte aliado para aproximá-lo da família e dos profissionais que o atendem.

Fica evidenciado que o educador pode se apropriar das tecnologias educacionais digitais para provocar na pessoa com autismo, alterações mentais ou mudanças cognitivas.

Todavia, é importante esclarecer que o objetivo deste trabalho não foi expor modelos de intervenção, mas apresentar algumas trilhas para a construção de uma escola inclusiva, uma escola onde todos possam aprender juntos e sem preconceito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Wilson Cândido. **Azul e de todas as cores: Guia básico para pais e profissionais**. São Paulo: Paulinas, 2018.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e Prática educativa na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

PAPERT, Seymour M. **A Máquina das Crianças: Repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 1994.

PRENSKY, Marc. **Aprendizagem Baseada em jogos Digitais**. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2012.

VALENTE, J.A **O professor no ambiente LOGO. Formação e atuação**. São Paulo: Unicamp/NIED, 1996.

VIGOTSKY. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEISS, A. M. L; CRUZ, M. L. M. **A informática e os problemas escolares de aprendizagem**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.